

A SEMANA – 93

John Gledson

Na primeira crônica de “A Semana”, em abril de 1892, Machado já descrevera outra cena de eleição falha. Para esta eleição, de grande importância, pois tratava-se de escolher o presidente e o vice-presidente da República, a situação não parece ter melhorado. Nesta cena engraçada e simpática, mas contundente, o cronista mostra que o sistema de votação, tão demorado e ineficiente, chega a ser antidemocrático. É como se se baseasse no que realmente tinha acontecido quando ele acudiu às urnas; os estrangeiros, porém, o francês e o americano – ambos representam regimes *republicanos*, e certamente foram escolhidos por isso mesmo –, são obviamente ficcionais, servindo para realçar os absurdos do processo brasileiro. O “almoço”, naquela época, era a primeira refeição do dia, o que hoje seria o café da manhã.



A SEMANA

4 de março de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Quando eu cheguei à seção onde tinha de votar, achei três mesários e cinco eleitores. Os eleitores falavam do tempo. Contavam os maiores verões que temos tido; um deles opinava que o verão, em si mesmo, não era mau, mas que as febres é que o tornavam detestável. A quanto não ia a amarela? Chegaram mais três eleitores, depois um, depois sete, que, pelo ar, pareciam da mesma casa. Os minutos iam com aquele vagar do costume quando a gente está com pressa. Mais três eleitores. Nove horas e meia. Os conhecidos faziam roda. Uns falavam mal dos gelados,¹ outros tratavam do câmbio. Um velho, ainda maduro, aventou uma boceta de rapé. Foi uma alegria universal. Com quê, ainda tomava rapé? No meu tempo, disse o velho sorrindo, era o melhor laço de sociabilidade; agora todos fumam, e o charuto é egoísta.

Nove e três quartos. Trinta e cinco eleitores. Alguns almoçados. Os almoçados interpretavam o regulamento eleitoral diferentemente dos que o não eram. Daí algumas conversações particulares a meia-voz², dizendo uns que a chamada devia começar às dez horas em ponto, outros que antes.

– Meus senhores, vai começar a chamada, disse o presidente da mesa.

Eram dez horas, menos um minuto. Havia quarenta e sete eleitores. Abriram-se as urnas, que foram mostradas aos eleitores, a fim de que eles vissem que não havia nada dentro. Os cinco mesários já estavam sentados, com os livros, papéis e penas. O presidente fez esta advertência:

– Previno aos Srs. eleitores que as cédulas que contiverem nomes riscados e substituídos não serão apuradas; é disposição da lei nova.

Quis protestar contra a lei nova. Pareceu-me (e ainda me parece) opressiva da liberdade eleitoral. Pois eu escolho um nome, para presidente da República, suponhamos; ou senador, ou deputado que seja; em caminho, ao descer do bonde, acho

¹ Sem dúvida o calor explica a atualidade do assunto.

² Como nota Aurélio, está “‘à meia voz’ na *Gazeta de Notícias*. Talvez o acento no *a* se deva ao revisor.”

que o nome não é tão bom como outro, e não posso entrar numa loja, abrir a cédula e trocar o voto? Não posso também ceder a um amigo que me diga que a nossa amizade crescerá se eu preferir o Bernardo ao Bernardino? Que é então liberdade? É o verso do poeta: *E o que escrevo uma vez nunca mais borro?*³ Pelo amor de Deus! Tal liberdade é puro despotismo, e o mais absurdo dos despotismos, porque faz de mim mesmo o déspota. Obriga-me a não votar, ou a votar às dez e meia em pessoa que, pouco depois das dez, já me parecia insuficiente. Não é que eu tivesse de alterar as minhas cédulas; mas defendo um princípio.

Tinha começado a chamada e prosseguia lentamente para não dar lugar a reclamações. Nove décimos dos eleitores não respondiam por isto ou por aquilo.

- Antônio José Pereira, chamava o mesário.
- Está na Europa, dizia um eleitor, explicando o silêncio.
- Pôncio Pilatos!
- Morreu, senhor; está no Credo.⁴

Um eleitor, brasileiro naturalizado, francês de nascimento, disse-me ao ouvido:

– Por que não se põe aqui a lei francesa? Na França, para cada eleição há diplomas novos com o dia da eleição marcado, de maneira que só serve para esse. Se fizéssemos isto, não chamaríamos o Sr. Pereira, que desde 1889 vive em Paris, 28 bis, rua Breda,⁵ nem o procurador da Judeia, pela razão de que eles não teriam vindo tirar o diploma, oito dias antes. Compreendeis?

- Compreendi; mas há também abstenções.
- Não haveria abstenção de votos. Os abstencionistas não tirariam diplomas.

A chamada ia coxeando. Cada nome, como de regra, era repetido, com certo intervalo, e eu estava três quarteirões adiante. Queixei-me disto ao ex-francês, que me disse:

- Mas, senhor, também este método de chamar pelos nomes é desusado.
- Como é então? Chama-se pelas cores? pelas alturas? pelos números das casas?
- Não, senhor; abre-se o escrutínio por certo número de horas; os eleitores vão chegando, votando e saindo.
- Sério?
- Sério.

³ Palavras do primeiro canto do *Hissope*, poema cômico-satírico de Antônio Dinis da Cruz e Silva (1731-1799), linha 192. Machado se refere mais de uma vez a este poema, e é o modelo principal do seu poema herói-cômico, *O Almada*.

⁴ Machado aqui satiriza as listas antigas, desatualizadas, que ainda serviam para as eleições.

⁵ A data é curiosa: seria o sr. Pereira um monarquista exilado? A personagem creio que é ficcional (duvido que o cronista se referisse a uma pessoa real nesse contexto), mas o endereço é real (menos talvez o bis [que seria 28A em português, uma casa ao lado da 28]). A rue Breda (ou Bréda) ficava no 9^{ème} Arrondissement, perto de Pigalle, num bairro de artistas e boêmios (lá vivera Louise Colet, poeta e amante de Flaubert). É a atual rue Henri-Monnier (desde 1905).

– Não creio que nos Estados Unidos da América...

Outro eleitor, brasileiro naturalizado, norte-americano de nascimento, acudiu logo que lá era a mesma coisa.

– A mesma coisa, senhor. Não se esqueça que o *time is money* é invenção nossa. Não seríamos nós que iríamos perder uma infinidade de tempo a ouvir nomes. O eleitor entra, vota, retira-se e vai comprar uma casa, ou vendê-la. Às vezes faz mais, vai casar-se.

– Sem querer saber do resultado da eleição?

– Perdão, o resultado há de ser-lhe dito em altos brados na rua, ou em grandes cartazes levados por homens pagos para isso. Já tem acontecido a um noivo estar dizendo à noiva que a ama, que a adora, e ser interrompido por um pregoeiro que anuncia a eleição do presidente da República. O noivo, que viveu dois meses em *meetings*, bradando contra os republicanos, se é democrata, ou contra os democratas, se é republicano, solta um *hurrah* cordial, e repete que a ama, que a adora...

– Padre Diogo Antônio Feijó!⁶ prosseguia o mesário.

Pausa.

– Padre Diogo Antônio Feijó!

Pausa.

Eu gemia em silêncio. Consultei o relógio,⁷ faltavam sete minutos para as onze, e ainda não começava⁸ o meu quarteirão. Quis espairar, levantei-me, fui até à porta, onde achei dois eleitores, fumando e falando de moças bonitas. Conhecia-os; eram do meu quarteirão. Um era o farmacêutico Xisto, outro um jovem médico, formado há um ano, o Dr. Zózimo. Feliz idade! pensei comigo; as moças fazem passar o tempo; e daí talvez já tenham almoçado...

Enfim, começou o meu quarteirão; respirei, mas respirei cedo, porque a lista era quase toda composta de abstencionistas, e os nomes dos ausentes ou mortos gastam mais tempo, pela necessidade de esperar que os donos apareçam. Outra demora: cinco eleitores fizeram a *toilette* das cédulas à boca da urna, quero dizer que ali mesmo é que as fecharam, passando a cola pela língua, alisando o papel com vagar, com amor, quase que por pirraça. Para quem guarda Deus as paralisias repentinas? As congestões cerebrais? As simples cólicas? Não me pareciam homens que pusessem os princípios

⁶ Feijó (1784-1843) foi regente do império entre 1835 e 1837.

⁷ Aqui, Aurélio tem ponto e vírgula [“Consultei o relógio; faltavam...”]. Como na nota seguinte, parece que “corrige” Machado, e ignora algumas das sutilezas da sua gramática e pontuação. Interessante notar o contraste com o parágrafo seguinte, onde o ponto-e-vírgula é correto, justamente porque há uma pausa maior (“respirei”).

⁸ Aurélio acha que este “começava” talvez esteja, por erro de revisão, em vez de “começara” – parece-nos que o “começava” do jornal faz melhor sentido, por comunicar a impaciência do cronista.

acima de uma pontada aguda. Mas, Deus é grande! chegou a minha vez. Votei e corri a almoçar. Relevem a vulgaridade da ação. Tartufo, neste ponto, emendaria o seu próprio autor:

“Ah! pour être électeur, je n’en suis pas moins homme.”⁹



⁹ “Ah, embora sendo eleitor, não deixo de ser homem.” Citação recorrente, e às vezes adaptada, como aqui. Do ato 3, cena 3, do *Tartuffe*, de Molière, em que o falso devoto tenta seduzir a mulher do seu benfeitor: “Ah, pour être dévot, je n’en suis pas moins homme.” No jornal esta frase em francês está assim, em redondo; Aurélio põe em itálico.